

# Pretória embaraçada com assassinio de dirigente da «Resistência Moçambicana»

O VERDADEIRO líder da Resistência Nacional Moçambicana, Orlando Cristina, braço direito de Jorge Jardim desde o tempo colonial, foi morto a tiro no domingo, nos arredores de Pretória, de acordo com informações da polícia sul-africana. Não foram ainda fornecidos pormenores sobre o caso, uma vez que as autoridades prosseguem as investigações, mas a polícia admitiu que a morte ocorreu durante uma cena de tiros e Cristina teria sido atingido no pescoço pela bala fatal.

Embora o Governo do Maputo entenda que a morte de Cristina não tem grande significado «operacional» para a RNM — e para isso sustenta que a Resistência é dirigida exclusivamente pelo «Boss» (Serviços Secretos de Pretória), que facilmente encontrará um substituto — a verdade é que se reconhece que desapareceu a «figura central» do Movimento contra o regime de Machel. Acredita-se na capital moçambicana,

## Alves Gomes em Maputo

por outro lado, que a RNM venha a conhecer um período crítico.

De salientar, também, que a eliminação de Orlando Cristina é relacionada, em Pretória, com outras questões, admitindo-se que ele tenha sido vítima de inimizades prevalentes na comunidade portuguesa da África do Sul.

Nascido no Algarve e radicado em Moçambique muito jovem, viveu na Beira e era casado com uma secretária de Jorge Jardim. O regime moçambicano acusava Cristina de ter cometido numerosos crimes políticos no país durante o período colonial, sendo mesmo colaborador das autoridades administrativas, policiais e militares no recrutamento e no treino dos «flechas» e dos «GE», que recebiam instrução militar no centro de Moçambique.

Um conhecido português do Niassa, Brás da Costa, convenceu-se de que foi exactamente Cristina quem lhe enviou, em 1971, a partir de Tete, uma encomenda de «revistas» que viria a explodir e a decapar-lhe as mãos.

Cristina esteve ligado intimamente à PIDE desde 1960, altura em que foi enviado à Tanzânia para rastrear as actividades da Frelimo naquele país. Devido ao regresso pelo exército português, foi uma intervenção de Jorge Jardim que o libertou, e assim passaram a relacionar-se operacionalmente. De tal modo que seria chamado a intervir mesmo no Malawi, contra a oposição ao presidente Banda, mediante acções que incluíram a estruturação das milícias denominadas «Young Pioneers». Jardim não tardou a ser nomeado cônsul daquele país em Moçambique, e a utilizar para seu serviço um excelente bimotor matriculado em Blantyre e baptizado «Zikomo», que quer dizer «Obrigado».

Cristina abandonou Moçambique em 1975 e foi para a Rodésia, onde se aliou à CDI, a Segurança de Salisbúria, na formação e na instrução de «comandos» que actuaram no interior da antiga colónia portuguesa. Foi assim que, segundo os rodesianos, escolheu André Matsangaiza para chefiar a Resistência, e, mais tarde, com a morte deste, um substituto, que é Afonso Diakhama.

Cristina fazia viagens frequentes à Europa e, de acordo com Maputo, ainda em fins de 1982 esteve em Portugal e na França, de

onde seguiu para os Estados Unidos com a missão de ter contactos com antigos estudantes da Frelimo no sentido de obter o apoio deles à RNM.

A sua instalação numa quinta dos arredores de Pretória, exactamente há três anos, foi simultânea com a transferência para ali de 2 mil homens armados. Acredita-se que houvesse grande ligação dele com a Segurança sul-africana, de tal modo que a notícia de ter sido liquidado no domingo apenas na quarta-feira seguinte viria a ser divulgada, e com muitas reservas.